

MULHER EM MOVIMENTO

Ano XXIV nº 50 Setembro / Outubro de 2015



Departamento
de Gênero



“Elas querem...

Eles querem”



Licença paternidade para os homens foi a reivindicação mais votada numa enquete realizada no site do Sindicato, no ano passado. O desejo expresso por 32% das mulheres que responderam a pesquisa ficou praticamente empatado com a opção “Uma vida sem violência física, moral, sexual, psicológica”, que obteve 31 %.

O resultado revelou o grande desejo das mulheres pela participação de seus parceiros nos cuidados iniciais com os filhos recém-nascidos.

Esse é um dos motivos pelos quais os bancários incluem nas campanhas salariais a reivindicação pela ampliação do direito às licenças maternidade e paternidade.

A pauta que está sendo negociada este ano reivindica 180 dias consecutivos ao pai ou adotante, garantindo 10 dias consecutivos a contar da data de nascimento (ou adoção) e o restante imediatamente após o término da licença maternidade.

Veja na página 3 mais reivindicações da Campanha Salarial que envolvem questões de gênero.



IRMANDADE

*Sou homem: duro pouco
e é enorme a noite.*

*Mas olho para cima:
as estrelas escrevem.*

Sem entender compreendo:

*Também sou escritura
e neste mesmo instante
alguém me soletra.*

Octavio Paz

Ponto de Vista

Página 2

Roda de Conversa

Página 3

Perfil

Página 4

Quanta indignação?

Eu não sou Maria Julia no viral da rede social, no viral do politicamente correto onde só me afirmo se a multidão estiver de acordo.

Tantos ativistas negros e negras neste País, espalhados nos bairros, nas escolas, nas universidades, nos sindicatos, alguns nos partidos políticos, outros em organizações civis... sofrem cotidianamente agressões piores que a visibilizada pela Jornalista Maju.

São muitos pais e mães, de “família negra”, que desistiram de “pensar e reagir” pra não serem presos ou terminarem nos manicômios ou nas valas às margens plácidas de um país cuja “ordem e progresso” atendem à emancipação de um grupo, que, ainda, luta para permanecer ABSOLUTAMENTE NO PODER desde os tempos COLONIAIS.

Eu sou Maju há muito tempo.

Sou ela, antevendo, juntamente com tantos irmãos e irmãs, políticas de ações afirmativas que reparem às populações negras danos históricos aqui em nosso País e no mundo.

De fato, é mais fácil assumir um comportamento que ter uma atitude. Somos um país sem memória, com uma educação medíocre tanto pública quanto privada. O nosso medo de nos reconhecermos negros, índios e judeus... , ainda atrofia a nossa coragem de sermos cidadãos do Mundo.

Pessoalmente, sofri muito no meu bairro, na minha escola, na UFBA, recentemente na estrutura da Prefeitura Municipal de Salvador como gestor do Espaço Cultural da Barroquinha (como sofri). Sei que meu sofrimento não é isolado do sofrimento da Jornalista da Rede Globo, de seu João do Maranhão, de dona Maria de Pernambuco...

ou de D. Tonha e seus filhos, na Bahia. Precisamos converter nossas dores em LUZ de EDUCAÇÃO IGUALITÁRIA PARA TODOS E TODAS, contando a nossa HISTÓRIA sem melindres e culpas sociais.

Precisamos construir um Brasil de iguais oportunidades para todos e todas. Do contrário, haverá casos ainda mais cotidianos de ignorância e barbárie.

Ângelo Flávio



Com hashtag somos Todos Maju

Conversando com uma amiga, ela quis saber qual era a minha opinião sobre o vídeo que William Bonner e a equipe do Jornal Nacional produziram em apoio à jornalista Maria Júlia Continho, que foi mais uma vítima de ataques racistas em rede social.

Respondi que achei contraditória a forma como os âncoras e a equipe deixaram claro o repúdio da emissora em relação aos ataques, ao criarem a hashtag #SomosTodosMaju.

Depois me perguntou onde eu via a contradição. Perguntei-lhe se sabia quem era o diretor geral de jornalismo da Globo. A resposta foi não. Então, expliquei-lhe que assim como ela, são poucos os telespectadores que sabem quem é Ali Kamel, o escritor do livro “Não somos racistas” e defensor da não criação do sistema de cotas.

Mas, não é só por isso. Se analisarmos a programação do maior veículo de comunicação do nosso País, podemos notar que o negro sempre foi inferiorizado em suas novelas, em seus programas de humor e que a Maju é uma das jornalistas que fazem parte do pequeno

grupo de profissionais negros que saíram de trás das câmeras e conquistaram um espaço na tela do plim-plim. Pois é, a Maju chegou chegando, mostrando sua competência em um dos principais telejornais da emissora, e isso causa incômodo e pavor aos olhos daqueles que irrigam o racismo dentro de si.

Por incrível que pareça isso aconteceu na véspera do Dia Nacional de Combate à Discriminação Racial, servindo de gancho para que essa data fosse lembrada na edição do JN que foi ao ar no dia 3 de julho.

Será que essa hashtag realmente mostra nossa indignação contra o racismo no Brasil? Maria Júlia sabe quem ela realmente é, quais são suas raízes, quais foram as dificuldades que enfrentou para chegar onde está, por isso não somos todos Maju. Muitos mários, júlios, marias, júlias, anas, joanas, joãos diariamente sofrem com o racismo e a Globo simplesmente não faz menção, nem campanha, afinal que importância tem isso para eles?

Não se importam, pois esta não é a primeira vez que um funcionário negro é vítima de racismo. A Nayara Justino, a globeleza 2014 escolhida

pelo público, também sofreu com os comentários racistas, mas a direção da Globo não criou hashtag, apenas a substituiu, no ano seguinte, por alguém que agradasse os olhos daqueles que estão acostumados a ver o padrão globo de beleza.

Eles simplesmente não se importam com várias mulheres, crianças, homens e jovens negros que todos os dias são alvos do racismo, do preconceito e que por não estarem acompanhados por uma hashtag não são vistos por aqueles que dizem “não somos racistas”.

Enfim, somos todos Maju, menos a Luiza que está no Canadá.

Leidna Santos



Questões de gênero na pauta da campanha

Todo ano, a pauta apresentada pela categoria bancária na campanha salarial inclui cláusulas de grande interesse envolvendo questões de gênero, especialmente para a valorização da mulher bancária. Este ano as reivindicações abrangem estabilidade, intervalos de descanso, insalubridade, igualdade de oportunidades e também tempo para amamentação.

Dentre as cláusulas que integram a pauta, vale destacar os artigos que estabelecem igualdade de oportunidades e de tratamento, contidas no artigo 64 - mesa temática sobre igualdade de oportunidades; artigo 65 - promoção da igualdade de oportunidade para todos e todas; artigo 66 - isonomia de tratamento para homoafetivos; artigo 67 - contratação de trabalhadores com deficiência; artigo 68 - inclusão e capacitação de pessoas com deficiência; artigo 69 - financiamento de veículo para empregado com deficiência; artigo 70 - estacionamento exclusivo para empregados com deficiência.

As empresas deverão democratizar o acesso das candidatas e candidatos garantindo que mulheres, negras, indígenas, homoafetivos e deficientes tenham igualdade de condições de con-



As propostas de gênero foram defendidas na Conferência Nacional dos Bancários, em São Paulo, pelo presidente do Sindicato da Bahia, Augusto Vasconcelos

tratação, independente de idade e condições sócio econômica.

É dever das empresas incluir nos programas de treinamento e capacitação os temas relacionados à igualdade entre mulheres e homens, visando assim criar e manter uma cultura interna de prática de igualdade, bem como prevenir condutas discriminatórias notadamente no exercício de cargos de direção, gerências e chefias.

Também consta a reivindicação de que as instituições façam a adesão e efetivamente implementem o Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça do Governo Federal, da Secretaria de Políticas

para as Mulheres, com a participação de representantes sindicais nestes comitês.

Outra cláusula importante é a que garante à gestante – desde a gravidez, até um ano após o término da Licença Maternidade -, estabilidade e retorno ao mesmo local de trabalho, sendo vedada sua transferência nesse período, salvo, a critério da própria bancária.

Além da previsão dos intervalos, aos trabalhadores do auto-atendimento, será obrigatória a disponibilização de cadeiras ou outra forma de assento conforme item 17.3.1, 17.3.2 e 17.3.3 da NR 17, devendo ser observado também rodízio a cada 2 horas para estes funcionários.

Amamentação na Roda de Conversa



O aleitamento materno foi tema da Roda de Conversa do dia 6 de agosto, com a médica Dolores Fernandes, que integra a diretoria da Sociedade Baiana de Pediatria. A escolha do assunto foi em sintonia com a Semana de Amamentação, realizada todos os anos entre os dias 1 e 7 de agosto.

Este ano, a semana que marca a

campanha pelo aleitamento abordou as situações que envolvem amamentação e trabalho. Embora fundamental para o ser humano, o tema é pouco discutido nos coletivos de gênero, por isso a escolha do assunto.

A complexidade da questão levou a própria Aliança Mundial para Ação em Aleitamento (WABA na sigla em inglês) a revisitar a temática, já abordada em 1993, quando o enfoque foi Amamentar – Direito da mulher no trabalho!

Este ano, na pauta da campanha salarial dos bancários consta o Artigo 84 - Horário para Amamentação, reivindicando que “A empregada com filho(a) em idade de amamentação terá direito à redução de sua jornada

de trabalho em 1 (uma) hora por dia, que poderá, a critério da funcionária, ser fracionada em dois períodos de 30 (trinta) minutos.

A focalizadora da Roda, Dolores Fernandez, é presidente do Departamento de Aleitamento Materno da Sociedade Baiana de Pediatria, membro do Comitê Científico de Aleitamento Materno da Sociedade Brasileira de Pediatria, facilitadora dos cursos Manejo da Lactação e do Aconselhamento em Aleitamento Materno pelo Ministério da Saúde. É também membro da Rede Internacional pelo direito de amamentar – IBFAN, e consultora Internacional em lactância materna pelo IBLC.

Perfil

Sandra Muñoz



Nascida em Belo Horizonte, ao passar férias na Bahia, encantou-se pela terra e ficou. E lá se vão mais de 10 anos! Engajada na luta de quem se sente oprimido, Sandra se dedica a acolher pessoas em situação de violência. Militante desde 13 anos, sua mãe já sofria violência, ela própria foi vítima de estupro, no final da adolescência. Sandra recebeu do Sindicato o Prêmio Alice Botas, instituído este ano, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher.

Guerreira, viu num edital da ONU a chance de fazer ainda mais. Inscreveu e teve aprovado o seu projeto A Casa Cristal Lilás, que tem por objetivo a prevenção e enfrentamento da violência contra as lésbicas, mulheres, bissexuais, trans e travestis. Este projeto quer romper o ciclo da violência e construir uma cidadania digna por meio de ações globais e atendimentos múltiplos para a comunidade LGBTT em situação de violência. A Casa vai funcionar perto da Biblioteca Pública dos Barris, em Salvador.

Caso você queira ajudar Sandra a ajudar mais gente, enquanto não sai a grana do edital da ONU, ou caso você necessite de algum tipo de apoio em Salvador, este é o contato para colaborar: www.facebook.com/sandra.munoz.7524.

SOU UMA MULHER BISSEXUAL

Mulher em Movimento conversou com Sandra Muñoz para esta edição, numa referência ao Dia da Visibilidade LGBTT, comemorado em 29 de agosto. Veja como ela se posiciona sobre questões importantes desse movimento afirmativo.

Como você avalia atualmente o universo LGBTT?

Nosso movimento LGBT é muito louco. Temos pedras aqui dentro, assim como lá fora tem as fundamentalistas, machistas etc. O movimento de lésbicas se organizou, mas tem dificuldades para aceitar quem é bi-sexual. As mulheres lésbicas discriminam também.

Por isso é tão difícil “sair do armário”?

Não concordo com isto de “sair do armário”. Ninguém deve ser obrigado, precisamos respeitar. É uma opção das pessoas se assumirem ou não. Sair do armário às vezes custa a vida. Não podemos discriminar... temos que trabalhar a questão. Nem toda família é aberta pra aceitar a revelação. O indivíduo deve ficar livre para sentir o tempo dele, talvez passe a vida inteira no armário, mas está feliz.

Você se identifica como mulher bissexual?

Sim. E organizar o movimento bissexual é a minha bandeira, organizar os homens bi-sexuais, que também sofrem. Até maio de 2016, vamos fazer conferências LGBT, organizando o primeiro Encontro Nacional da Visibilidade Bissexual, fazendo o debate para ser mais aceito, tanto pela sociedade quanto pelos próprios movimentos...

Dê um exemplo dessa luta por aceitação?

As mulheres lésbicas tem uma dificuldade muito grande no Sistema Único de Saúde (SUS), que ainda não sabe como receber e oferecer a proteção que as mulheres precisam. A política de Saúde do Governo ainda não conseguiu avançar... Fizemos uma cartilha de saúde para as lésbicas, mas ainda é pouco. Queremos formação para os profissionais de saúde, para que conheçam melhor as necessidades dessas mulheres. Temos que falar das mulheres bissexuais, das mulheres trans... Essa conferência que vem aí será um marco.

Você é crítica ao governo?

Apoio a Dilma. Em defesa do mandato da presidenta. Apostamos muito, acreditamos, mas pra mim, uma galera do governo deixa muito a desejar. Temos que entender que Dilma não faz um País sozinha... Os tais aliados cobram e a fatura está cara. O PMDB não é aliado... Me preocupa muito essas alianças. Acho que está na hora do Governo entender de que não está legal, e que podemos fazer algo verdadeiramente novo.

